



**Veredas Atemática**

**VOLUME 16 nº 2 - 2012**

---

**Cultura escrita e grafocentrismo: um estudo sobre apropriação e usos sociais da escrita por funcionários prestadores de serviços básicos em espaços educacionais universitários**

Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti (UFSC)  
Eloara Tomazoni (UFSC)  
Rosângela Pedralli (UFSC)

**RESUMO:** Este estudo objetivou depreender e analisar os níveis de alfabetismo e concepções sobre os usos da escrita de oito profissionais vinculados à empresa terceirizada que atua na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As bases que orientaram o estudo são: Street (1984, 1988, 2000, 2003); Hamilton (2000); Barton (1994) e Barton, Hamilton e Ivanic (2000). O estudo foi operacionalizado por meio de entrevistas e aplicação de instrumento de leitura baseado nos estudos do Inaf (2009). Os resultados mostram insularidades dentro desses espaços, sugerindo a coexistência de *comunidades de prática* distintas e suscitando discussões fecundas sobre empoderamento e cidadania na esfera universitária.

**Palavras-chave:** alfabetismo; letramento; cultura escrita.

### **Introdução**

Este artigo tematiza cultura escrita e grafocentrismo, tendo como objeto níveis de alfabetismo e concepções sobre os usos da escrita depreendidos em um conjunto de oito profissionais prestadores de serviços vinculados à empresa terceirizada de limpeza e manutenção que atua em espaços universitários estreitamente vinculados a uma abordagem muito específica em relação à escrita: Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Centro de

Educação (CED) e Biblioteca Universitária (BU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A escolha desses espaços universitários especificamente se deu pela inferência de haver neles uma abordagem metacognitiva da escrita, concebida, em si mesma, como objeto de estudo e de pesquisa e não só como instrumento psicológico de mediação simbólica que institui interações humanas – e, no caso dos dois Centros, com implicações na formação de profissionais que tomarão a escrita como objeto de ensino e de aprendizagem.

Tal proposta de estudo se erigiu da compreensão de que casos como os desses funcionários, que estão inseridos em espaços nos quais a valoração da escrita tem contornos bastante específicos, interessam sobremaneira à área de Linguística Aplicada pelo nosso compromisso em entender a lógica que institui os usos da escrita nos diferentes espaços sociais, ou por outra, é objetivo da área em questão intervir na realidade social por meio de uma ação política, visto que trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente (RAJAGOPALAN, 2003). Tal entendimento, ainda, deve se constituir a partir da microsociologia das relações interpessoais (LAHIRE, 2008 [1995]), visando à construção de inteligibilidades acerca de possíveis implicações da inserção nesses espaços atendendo a demandas bem marcadas de usos sociais da escrita.

Buscamos caracterizar, desse modo, à luz das teorizações acerca do tema no campo da Linguística Aplicada e de especificidades do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), a) os níveis de alfabetismo desses trabalhadores; b) as práticas de letramento depreensíveis nos eventos de letramento por eles mencionados; e c) as implicações da inserção nesses espaços de singular valoração da escrita para esses trabalhadores – esses enfoques correspondem às questões de pesquisa que moveram a abordagem do tema.

Para isso, o artigo foi organizado em quatro seções de conteúdo<sup>1</sup>: explicitação das bases metodológicas que sustentam este estudo - tais como: tipificação da pesquisa, campo e participantes de pesquisa, instrumento de geração de dados e sua aplicação, diretrizes para análise dos dados gerados, além de breve discussão acerca do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF); em seguida, construção de inteligibilidades para o primeiro enfoque que corresponde à questão inicial de pesquisa: níveis de *escolaridade* e *alfabetismo* e das possíveis relações entre esses níveis; em seguida, registramos nossa discussão para o segundo enfoque, correspondente a uma segunda questão de pesquisa: interagindo com tais profissionais acerca dos *eventos de letramento* de que participam, procuramos depreender *práticas de letramento* que caracterizam esse grupo; por fim, ocupamo-nos do último enfoque, que remete à questão final de pesquisa: possíveis interveniências da inserção nesses espaços universitários especificamente em se tratando das vivências desses sujeitos<sup>2</sup>.

## **1. Bases metodológicas: em busca de compreender o universal a partir do particular**

O processo de geração e percurso analítico dos dados se deu com vistas a compreender quais os níveis de alfabetismo desses trabalhadores; quais as práticas de letramento depreensíveis a partir dos *eventos de letramentos* mencionados por eles; e quais as

---

<sup>1</sup> Salientamos que não optamos por fazer uma seção específica sobre o referencial teórico, pois à medida que os dados são analisados, os interpretamos teoricamente com base nas concepções assumidas neste estudo.

<sup>2</sup> Importa frisar que a amostra constituída por esses participantes não pode ser considerada representativa da realidade na instituição, pois muitos funcionários optaram por não participar da pesquisa e este estudo não tem pretensões de exauribilidade.

implicações da inserção nesses espaços de singular valoração da escrita para esses trabalhadores. A escolha dos procedimentos metodológicos procurou, a partir dessas questões-problema, empreender um processo de geração de dados que não categorizasse aprioristicamente os participantes de pesquisa em níveis de alfabetismo, ou seja, buscamos delinear esses níveis pela compreensão dos usos sociais da escrita empreendidos por esses sujeitos, para, a partir desse processo, delinear esses mesmos níveis.

Assim concebendo, a pesquisa que constitui este estudo é do tipo *qualitativa* de cunho *interpretativista*. Buscamos, ao longo do artigo, construir inteligibilidades acerca dos três desdobramentos que movem este estudo e que implicam tratar da relação entre as apropriações e usos sociais da escrita evidenciados por funcionários prestadores de serviços básicos e o fato de estarem inseridos em espaços universitários de expressiva valoração da modalidade escrita da língua. No tipo de pesquisa que empreendemos, não há categorias definidas *a priori*, dada a natureza do processo; o que não impede que haja elementos norteadores na geração de dados, com ancoragem teórica específica, processo do qual deriva o desenho do instrumento de geração de dados: a entrevista.

Assim, a entrevista utilizada é configurada em duas partes distintas: uma abordagem inicial *semi-estruturada* e uma abordagem final *aberta*. A abordagem inicial *semi-estruturada* foi dividida em dois blocos. O primeiro bloco contém questões acerca do perfil dos participantes. Nesse bloco, foi possível depreender, entre outros aspectos, quais os níveis de escolaridade que caracterizam tais funcionários. Já o segundo bloco é composto por questões acerca da dimensão social e da configuração familiar, o que nos possibilitou depreender elementos implicados nas práticas de letramento desses profissionais. No segundo bloco de questões, desse modo, objetivamos eliciar valorações, vivências, representações a respeito da modalidade escrita da língua em se tratando de tais funcionários e o que eles fazem, em seu cotidiano, por meio da escrita nas diferentes esferas sociais nas quais circulam.

Na sequência, divididas entre o que nomeamos *dimensão de cidadania* e *dimensão cultural*<sup>3</sup>, elaboramos questões que visavam caracterizar de quais *eventos de letramento* tais funcionários tomam parte e quais *práticas de letramento* seriam depreensíveis desses eventos. Na *dimensão de cidadania*, questionamos sobre a leitura de jornais e revistas; uso de ônibus para locomoção; atividades relacionadas à *esfera da saúde* como: utilização de serviços de saúde pública; leitura de bulas e receitas; e leituras de materiais escritos de campanhas relacionadas a essa esfera. Ainda nessa dimensão, focalizamos a *esfera do trabalho*, em relação à qual nossa abordagem tematizou a utilização ou não da escrita no ambiente de trabalho; possíveis usos dessa modalidade para controle de horário, salário e orientações da empresa; e o que os profissionais participantes do estudo pensam sobre trabalharem em um centro que lida com a modalidade escrita da língua com as especificidades já mencionadas.

No que chamamos *dimensão cultural*, tematizamos a *esfera escolar*, em cuja abordagem questionamos se os participantes estudam ou têm filhos na escola; sobre a participação em *eventos* tipicamente escolares como aulas, reuniões etc. Também nessa *dimensão*, em se tratando da *esfera religiosa*, questionamos se os participantes costumam frequentar cultos, missas e atividades afins; e se lidam com materiais escritos relacionados a esses *eventos*. No que respeita à *esfera do lazer*, questionamos sobre frequência a cinemas e teatros; leitura de livros; e atividades em geral realizadas nas horas livres. Por último, ainda nessa *dimensão*, focalizamos a *esfera doméstica* em relação à qual procuramos saber sobre o

---

<sup>3</sup> Reconhecemos fragilidades dessa nomeação, tanto quanto interpenetrações entre essas distinções; sua separação atende tão somente a fins de análise.

pagamento de contas; frequência a agências bancárias ou cartórios; compras de supermercado e a escolha dos produtos; o hábito de anotar receitas de alimentos e recados; e o hábito de guardar e organizar documentos familiares.

A segunda parte da entrevista se configura como uma abordagem mais *aberta*, como mencionado anteriormente, e constitui uma tentativa de replicação/reprodução do instrumento de pesquisa do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – Inaf. Objetivamos, com essa parte do instrumento, identificar níveis de alfabetismo dos participantes da pesquisa a partir do que vimos chamando *uma tentativa de replicação* do instrumento de geração de dados do Inaf<sup>4</sup>. Assim, procedemos à organização de uma revista a partir das informações disponibilizadas no *site*<sup>5</sup> do Inaf e em obras que tratam do tema à luz desse indicador, já que a revista criada para a realização das pesquisas do Inaf não é disponibilizada. Criamos uma revista com algumas reportagens e anúncios encontrados em circulação no cotidiano e, a partir dela, procedemos à elaboração de questões que contemplassem os quatro níveis de alfabetismo propostos pelo Inaf e que consideram as capacidades requeridas nas ações cotidianas: *analfabetismo*, *alfabetismo de nível rudimentar*, *alfabetismo de nível básico* e *alfabetismo de nível pleno*.

De acordo com o Inaf (2009), é considerada no nível de *analfabetismo* a pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever, não tem as habilidades de leitura, de escrita e de cálculo necessárias para viabilizar seu desenvolvimento pessoal e profissional. Quanto ao *alfabetismo de nível rudimentar*, corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples (INAF, 2009). Já com relação ao *alfabetismo de nível básico*, as pessoas nesse nível são consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências (INAF, 2009). Por fim, são consideradas no nível de *alfabetismo pleno* as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem *fato* de *opinião*, realizam inferências e sínteses (INAF, 2009). Dessa forma, por ocasião das entrevistas realizadas com os participantes desta pesquisa, cada nível era composto por cinco questões específicas relacionadas ao teor da revista.

O conjunto de participantes deste estudo, submetido aos dois blocos de que se constitui o instrumento de geração de dados desta pesquisa, é composto por oito funcionários prestadores de serviços vinculados à empresa terceirizada de limpeza e manutenção que atua em espaços universitários, espaços esses com especificidade em se tratando da abordagem da modalidade escrita da língua, o que já foi mencionado anteriormente. O campo compreende: Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Centro de Educação (CED) e Biblioteca Universitária (BU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)<sup>6</sup>. Desses oito

---

<sup>4</sup> O Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional - Inaf, importa registrar, foi criado pelo Instituto Paulo Montenegro/Ibope, em parceria com a organização não-governamental Ação Educativa, em 2001. O Inaf utiliza, na pesquisa para fins de coleta de dados, uma revista criada para tal, o que constitui, em grande medida, uma artificialização do suporte, mas avança em relação às formas de cômputo e caracterização dessas populações realizadas no passado (RIBEIRO, 2004).

<sup>5</sup> Disponível em [www.acaoeducativa.org](http://www.acaoeducativa.org), acesso em 01/06/2011.

<sup>6</sup> Interessa registrar que, dadas as dimensões deste estudo, não podíamos realizar a pesquisa com todos os funcionários da empresa terceirizada que atuam nesses espaços, logo empreendemos um estudo com três funcionários do CED, três funcionários do CCE e dois da Biblioteca Universitária desta Universidade. O número

participantes, o mais jovem possui 22 anos e o com mais idade, 52 anos. Não trataremos aqui de especificidades de gêneros antropológicos. Quanto ao nível de escolarização, dois participantes cursaram o segundo ciclo do ensino fundamental, um participante, o terceiro ciclo, três participantes não concluíram Ensino Médio e dois o concluíram.

É interessante ressaltar, que, no processo analítico, admitimos a existência de *entrelugares* nos níveis de alfabetismo no caso de alguns dos participantes, dado o que entendemos ser um flagrante movimento de avanço para o nível seguinte em um processo ainda não totalmente consolidado.

## 2. Níveis de alfabetismo e escolarização: relações entre os níveis explicitados

Partindo das respostas dadas às perguntas *Você estudou? Até que série?*, da primeira parte da entrevista, e da replicação do instrumento de pesquisa do Inaf, que nos permitiu depreender o nível de alfabetismo desses participantes, analisamos os níveis de escolarização e alfabetismo explicitados pelos participantes e relações depreensíveis entre esses níveis, o que originou os dados que compõem a tabela que segue, em que a primeira coluna corresponde às iniciais do nome dos participantes, com a indicação do espaço em que atuam; a segunda coluna corresponde ao nível de escolaridade informado pelos profissionais que tomam parte deste estudo; e a terceira coluna corresponde ao nível de alfabetismo depreendido após a aplicação do instrumento de geração de dados construído com base na revista usada pelo Inaf nas abordagens que empreende – as setas revelam o *entrelugar* que mencionamos anteriormente.

Tabela 1: Relação entre níveis de escolaridade e alfabetismo

Participantes	Nível de Escolaridade	Nível de Alfabetismo
TF (CED)	3ª Série - Segundo ciclo	Analfabetismo
MJ (CED)	5ª Série – Terceiro ciclo	Nível Rudimentar
B (CED)	Ensino médio completo	Nível Rudimentar ⇨ Nível Básico
G (CCE)	Ensino médio incompleto	Nível Básico
TM (CCE)	Ensino médio incompleto	Nível Básico ⇨ Nível Pleno
MA (CCE)	4ª Série – Segundo ciclo	Nível Básico ⇨ Nível Pleno
S (BU)	Ensino Médio incompleto	Nível Pleno
L (BU)	Ensino Médio completo	Nível Pleno

Fonte: Construção das autoras

Tal qual evidencia a *tabela 1*, em relação à escolarização desses profissionais, é possível depreender que tais níveis parecem contrapor percepções que tendem a ter lugar no senso comum de que só pessoas com baixo nível de escolaridade exercem esse tipo de atividade laboral, visto que a maioria dos participantes tem o ensino médio completo ou, pelo menos, iniciado. Sobre essa relação entre *escolarização* e *empregabilidade*, Graff (1994) entende que se trata de uma questão imprecisa, complexa e contraditória, pois parece haver evidências históricas de que não há relações de causa e efeito entre trajetória *de escolarização* e *obtenção de emprego*, ao que o autor chama de *mito do letramento*. As interveniências da

menor de participantes na BU se deu pelo fato de somente dois profissionais aceitarem participar do estudo. Assim, contamos com um conjunto de oito participantes.

escolarização são basicamente atitudinais e não de habilidades específicas em um sentido causal em relação à empregabilidade.

Quanto aos níveis de alfabetismo propostos pelo Inaf, assim como demonstra a *tabela 1*, um participante de pesquisa foi considerado *analfabeto*; um segundo participante foi identificado como estando no nível *rudimentar*; outro dentro o grupo foi categorizado no *entrelugar* entre o nível *rudimentar* e o *básico*; um quarto participante do estudo foi categorizado como estando no nível *básico*; dois outros foram tidos como estando no *entrelugar* do nível *básico* para *pleno*; e, finalmente, dois deles evidenciaram ter chegado ao nível *pleno* de alfabetismo. Com relação a esses dados, é possível afirmar, então, a existência de *entrelugares* entre os níveis de alfabetismo depreendidos em se tratando dos participantes desta pesquisa, sugerindo um interessante movimento de avanços no processo de apropriação e domínio da leitura.

A *tabela 1*, além de trazer os dados acerca da escolarização dos sujeitos e do nível de alfabetismo, suscita uma relação entre ambos. É possível observar que os níveis de escolaridade não coincidem com os níveis de alfabetismo depreendidos em se tratando de tais profissionais. Dois participantes da pesquisa completaram o segundo ciclo da escolarização básica; no entanto, seu comportamento por ocasião da apresentação da revista e de discussões acerca do conteúdo sugere níveis de alfabetismo muito distintos entre si: um dos participantes foi enquadrado no nível rudimentar, enquanto outro foi categorizado no *entrelugar* entre os níveis *básico* e *pleno*.

Entendemos que, nesta amostra, o nível de alfabetismo parece não estar diretamente relacionado com a escolarização, sugerindo que haja um universo mais complexo nesses recortes, sobretudo se considerarmos postulados de Soares (2004) e Ferraro (2002), que advogam em favor de imbricamentos entre escolarização e letramento. Em se tratando especificamente de *MJ* e *MA*, participantes deste estudo, apesar de terem concluído o segundo ciclo do ensino fundamental, o comportamento de *MJ* sugere inserção no *nível rudimentar* de alfabetismo, ao passo que *MA* evidencia uma *performance* que o colocaria entre os *níveis básico* e *pleno*. Em entrevista, *MA* diz que a filha é universitária e que adora ler os livros que ela leva para casa, emprestados da biblioteca da Universidade, já que *MA*, por si só, não o pode fazer porque não é dado a funcionários terceirizados tomar livros emprestados da biblioteca. Quando questionado se tem contato com livros responde:

(1) *Sim. Minha filha leva bastante livros [para casa] e eu leio bastante (MA; entrevista realizada em junho de 2011).*

Tendo em vista o excerto de entrevista de *MA*, é possível remeter aos postulados de Vigotski (2000 [1978]) acerca da importância das relações intersubjetivas na construção das relações de natureza intrassubjetivas. Além disso, importa mencionar mais especificamente o lugar que o outro, membro familiar, ocupa na ampliação dos usos da escrita, ou, nas palavras de Maciel e Lucio (2010, p. 477) “[...] a importância da mediação de membros familiares (esposa e filhos) no processo de apropriação [entendemos ser possível estender a potencialização] da leitura e da escrita”. Convergente com essa discussão, Kleiman (2001 [1995], p. 182) afirma que “[...] a família letrada constitui a agência de letramento mais eficiente [...]”.

Do mesmo modo que *MJ* e *MA*, é possível aludir, também, a dois participantes que cursaram o Ensino Médio completo, *B* e *L*. *B* foi categorizado entre os *níveis rudimentar* e

básico e L possui nível pleno de alfabetismo. L, em entrevista, diz adorar ler e afirma ler de tudo. L enuncia:

(2) *Eu gosto de ler muito, não importa o que seja. Um livro de história, um romance, um livro espírita. Eu gosto de ler porque eu gosto de aprender, de descobrir.* (L; entrevista realizada em junho de 2011).

Segundo Vóvio (2010, p. 104), a alfabetização e a escolarização não produzem efeitos homogêneos nos indivíduos bem como não interfeririam diretamente em sua condição de vida, postulado que converge com o pensamento de Graff (1994). D'Angelo Serra (2004), a seu turno, credita o desenvolvimento de habilidades e potencialidades de leitura e de escrita a um conjunto de fatores dentre os quais os anos de escolarização, como veremos na seção sobre as *práticas e eventos de letramento* que caracterizam tais profissionais.

Acreditamos, nesse sentido, que o contato com a modalidade escrita da língua traz consigo a possibilidade de contato com formas múltiplas de conhecimento. Como vimos, nesta amostra, em alguns casos, o contato com a escrita em diferentes formas e usos sociais pode, sim, ocasionar enquadramento em diferentes níveis de alfabetismo independentemente do nível de escolaridade dos participantes.

### **3. Usos sociais da escrita: eventos de letramento informados pelos participantes de pesquisa e especificidades das práticas de letramento deles depreensíveis**

Nesta seção, em resposta ao segundo dentre os três focos que correspondem às questões de pesquisa, analisamos *eventos de letramento* informados pelos participantes e depreendemos especificidades de *práticas de letramento* que os caracterizariam. A distinção entre *eventos* e *práticas* é central nas discussões sobre o fenômeno do *letramento*. O conceito de *eventos de letramento*, derivado dos estudos de Heath (1982), designa qualquer atividade em que a escrita esteja presente como parte do processo de interação. Para Barton (2010 [1994]), os *eventos* são a unidade básica de análise, visto que um evento é qualquer ocasião na vida cotidiana em que a escrita tem algum papel. Cabe ressaltar que entender os *eventos de letramento* como atividades em que a escrita está presente, podendo essas atividades ser realizadas também em nosso dia a dia, é entender que não só os eventos presentes em instituições como a escola devem ser analisados. Já *práticas de letramento*, conceito designado por Barton (2010 [1994]) como as maneiras com que as pessoas participam dos *eventos de letramento*, foi proposto por Street (1988) com o intuito de dar conta das implicações sociais e culturais sobre as quais os eventos se instituem. Para Barton (2010 [1994]), os seres humanos participam de uma atividade em que a escrita esteja presente trazendo conhecimento cultural. Nesse sentido, enquanto os eventos são atividades fotografáveis, as práticas não o são. Hamilton (2000) utiliza a metáfora do *iceberg* para distinguir *eventos* e *práticas de letramento*. Segundo a autora, os eventos são a ponta do *iceberg*, parte visível, de onde podemos inferir as práticas, base submersa.

Com base nas considerações sobre os *eventos* e *práticas de letramento*, entendemos que apesar de, muitas vezes, os *eventos* parecerem similares na superfície, as práticas individuais de cada ser humano fazem com que eles sejam profundamente diferentes, o que nos leva a conceber que há diversas maneiras de ler e escrever, ou seja, não há somente um conjunto de práticas. Assim, entendemos que as *práticas de letramento* podem ser tomadas de

maneiras distintas em diferentes culturas, comunidades e para diferentes indivíduos, e isso repercute na maneira como lidamos com os diferentes *eventos de letramento*, levando-nos à compreensão pluralizada do fenômeno, o que nos propomos discutir a seguir.

### 3.1. *Eventos de letramento associados à dimensão de Cidadania*

Observamos, quando do percurso analítico dos dados, dois extremos no perfil de leitura de jornais e revistas por parte dos participantes da pesquisa; ou seja, dos oito participantes, cinco informam ler pouco, ao passo que três informam ler muito jornais e revistas. Prevalece entre os participantes, no entanto, a leitura de jornais. Cabe observar que, dos três que informam lerem muito, dois trabalham na biblioteca da Universidade e dizem que leem os jornais a que têm acesso naquele espaço.

A partir dessas respostas e do discurso que prevaleceu entre os participantes, é possível relacionar a leitura desses materiais com o acesso a eles, o que nos remete a uma discussão proposta por Kalman (2003). Para a autora, existe uma diferença fulcral entre as condições materiais para a prática da leitura e da escrita – a *disponibilidade* da cultura escrita – e as condições sociais para fazer uso e apropriar-se delas – o *acesso* à cultura escrita. Dessa forma, a disponibilidade de materiais desse tipo facilita o acesso no caso dos participantes de pesquisa que trabalham na Biblioteca Universitária e que informam se inserirem recorrentemente em tais *eventos*, mas só o fazem por especificidades de *práticas* que ancoram tal *evento* (STREET, 1988; 2003).

Essa inferência acerca das *práticas* que ancoram *eventos* dessa natureza se dá pela forma como tivemos contato com tais participantes. Ao informarmos, no local de descanso desses profissionais nesse espaço universitário, que gostaríamos de fazer uma entrevista sobre hábitos de leitura, ou algo similar, os funcionários prontamente nos indicaram dois dentre eles, que acabaram por participar da pesquisa, sob alegação de que de fato *liam*. Ao que parece, assim, mesmo que para os funcionários desse local a disponibilidade de materiais seja facilitada, o acesso efetivo a eles depende de condições sociais ou *práticas de letramento* que ancoram tais eventos.

Com relação ao uso de transporte coletivo para locomoção, dos oito participantes, apenas um não utiliza ônibus como principal meio de locomoção. Apenas um dos participantes, também, informa ter dificuldade para identificar o itinerário. *TF* diz utilizar o ônibus diariamente e, para tal, informa perguntar para alguém quando o letreiro está apagado. Quando é visível, diz saber de cor ou perguntar ao motorista. Nesse ponto, *TF* diz:

(3) *Estou acostumada a pegar Carvoeira Norte. E pra cá, eu venho no Carvoeira Sul. Eu sei que é o Carvoeira porque sempre tem gente no ponto. Eu pergunto para alguém. Quando não tem ninguém e eu não entendo o letreiro, eu pergunto para o motorista. Já peguei ônibus errado e fui parar no Centro. Isso dá uma raiva, uma tristeza. Por isso que eu só pego ônibus nesse ponto aqui perto, porque se eu pegar na BU eu pego o errado (TF, entrevista realizada em junho de 2011).*

Quando *TF* menciona que essa limitação imposta pelo analfabetismo, materializada no momento em que toma um *ônibus errado*, o que lhe causa um sentimento de *raiva* e *tristeza* (cf. excerto (3) acima), há uma relação estreita com a afirmação de Galvão e Di Pierro (2007, p. 26) de que “[...] a condição de analfabeto provoca sentimentos de frustração e



incompletude, já que restringe a privacidade da comunicação e a autonomia para os deslocamentos territoriais [...]”. Ainda de acordo com as autoras, sentimentos dessa natureza não impedem que essas pessoas desenvolvam estratégias de sobrevivência nos ambientes urbanos letrados, como observação, oralidade, memória etc.. No caso de *TF*, no entanto, é visível um comprometimento importante da mobilidade territorial, na medida em que se limita a tomar o ônibus no mesmo ponto para diminuir o risco de errar o itinerário, isso porque naquele local pode contar com número reduzido de ônibus circulando, com pessoas que sabidamente pegam o mesmo ônibus que ele etc. Tais limitações de mobilidade, como veremos à frente, se estendem a um contexto social mais amplo no caso desse participante de pesquisa.

Na esfera da saúde, a utilização dos serviços de saúde pública está presente na vida de todos os participantes, os quais frequentam o posto de saúde. Todos, com exceção de *TF*, dizem receber materiais escritos e não terem dificuldades para entendê-los, mesmo que para tal precisem se ancorar em práticas oralizadas, como a explicação do médico, farmacêutico e outros. Em se tratando da leitura de bulas e receitas, o discurso prevalecente entre os participantes de pesquisa é o da realização da leitura desses materiais por motivações distintas. *B* informa ler esses materiais e outros relacionados com tintura de cabelo porque quer ser cabeleireiro. *G* menciona só ler bulas quando quer saber sobre os efeitos colaterais do medicamento. *L* informa que não lia, mas teve problemas com um erro médico e agora lê. Os participantes da pesquisa informam, ainda, com relação à esfera da saúde, realizar a leitura de materiais escritos das campanhas, como cartazes e panfletos, ou, minimamente, entender a função de prevenção dessas campanhas, mesmo que essa compreensão seja amparada pela informação obtida em informes veiculados na televisão.

Parece unânime entre os participantes que a compreensão de que a significação dos materiais escritos está diretamente relacionada à relevância desses materiais em seu cotidiano, critério que efetivamente determina de quais *eventos de letramento* tomarão parte e de quais, por não figurarem como significativos, não o farão, o que converge com considerações de Kleiman (2007) quando afirma que ganham sentido na vida das pessoas as práticas sociais que respondem às demandas culturais específicas, relacionadas às necessidades e aos interesses dos sujeitos, como também às de ordem social mais ampla, que conferem possibilidade de participação em atividades sociais múltiplas.

No que compete à esfera laboral, interpelados sobre a utilização da escrita nas atividades desempenhadas no trabalho, dentre os oito participantes deste estudo, cinco dizem que utilizam essa modalidade da língua em sua atividade profissional. Desses cinco, dois informam usá-la para assinar ponto e contracheque, e três, para ler o rótulo dos produtos que utilizam; enquanto três dizem não precisar da escrita no trabalho. Embora todos desempenhem a mesma função, as remissões ao uso da escrita são diversificadas. Paradoxalmente, os participantes de pesquisa que referem não precisar de leitura e escrita na esfera laboral estão enquadrados nos níveis mais altos de alfabetismo. Esse comportamento talvez possa ser explicado pela natureza dos usos que tendem a ser requeridos especificamente no trabalho que realizam, o que, possivelmente para estes últimos participantes de pesquisa, seja relativizado como *uso efetivo da escrita*, dado que experienciam usos tidos como *mais nobres* em outras esferas de sua inserção social.

Em se tratando do uso da leitura e da escrita para controle de horário, salário e orientações da empresa, um participante de pesquisa informa não fazer nenhum tipo de controle, mas diz que, quando o contracheque chega, vai ao banco e saca o pagamento. Dos

outros sete participantes que informam realizar controle, seis dizem realizar tal tarefa com facilidade, enquanto um deles, *TF*, informa que leva para casa e o filho o ajuda. Esse mesmo participante de pesquisa informa que, para assinar o ponto, decorou como fazê-lo e menciona:

(4) *No ponto, eu marco 7h, 11h, 12h e 16h. Eu já decorei. O ponto eu assino com facilidade” (TF, entrevista realizada em junho de 2011).*

Acerca de eventuais pedidos de ajuda para a realização de atividades concernentes a essa esfera, *TF* é novamente o único participante dos oito a informar a necessidade de ajuda de outrem *com o papel de férias*, ao que diz:

(5) *Peço ajuda da fiscal. Sempre pergunto para alguém antes de assinar alguma coisa” (TF, entrevista realizada em junho de 2011).*

Assim, é possível inferir que mesmo os participantes categorizados no *nível de analfabetismo funcional* desenvolvem estratégias que permitem o desenvolvimento das atividades atinentes à esfera laboral, bem como das demais esferas. O que entendemos passível de novas reflexões deriva da relação de dependência que *TF* estabelece com familiares alfabetizados (MACIEL; LUCIO, 2010) ou, na ausência desses, com pessoa próxima no que tange à escrita. Essa flagrante dependência permitiria sua caracterização como *letrada*, ou seja, essa inexistência de autonomia que subjaz às ações de *TF* com a escrita, o comprometimento em sua mobilidade social movido por dificuldades com a escrita e sua participação em determinadas situações de forma tangencial, até marginal, permitiriam que referendemos a afirmação de autores (TFOUNI, 2006 [1995]; SOARES, 1998) acerca da condição de *letrados* desses sujeitos? Fica a inquietação.

### 3.2. *Eventos de letramento associados à dimensão cultural*

Em se tratando dos *eventos de letramento* que têm lugar na esfera escolar, interpelamos os participantes de pesquisa sobre a inserção em *eventos* tipicamente escolares por parte desses participantes. Embora nenhum deles estude no momento, três externam interesse no retorno aos estudos. *B* informa que pretende fazer um cursinho para ser cabeleireiro. *L* diz não estudar agora, mas ter terminado há pouco o curso de radiologia. *S* está em vias de voltar à escola, estando em processo de organização da documentação. Esse quadro nos remete a Geraldi (2010, p. 165), que discute a questão das ideologias que movem o interesse por concluir ou dar continuidade aos estudos. Para o autor, “[...] hoje um número muito maior de socialmente excluídos está tentando a sorte nos estudos – motivados pela própria ideologização das mídias que têm falsamente afirmado que quem tem maior escolaridade encontra mais fácil colocação no restrito mercado de trabalho”.

Essa discussão proposta pelo autor remete ao *mito do alfabetismo* de Graff (1994). A alfabetização/escolarização, nessa perspectiva, seria vista como um valor em si mesma, pela correlação – polemizada por Graff (1994) e discutida por Britto (2003; 2004) – direta entre *alfabetização* e ascensão econômica e maior mobilidade social. Converte com essas considerações – de que mobilidade social, ascensão e poder seriam ‘adquiridos’ juntamente com escolarização – o pensamento de Street (2003, p. 10) ao afirmar que “[...] ‘fornecer’ esse

tipo de letramento formalizado não levará à atribuição de poder, não facilitará novos empregos, e não gerará mobilidade social”.

Com relação ao acompanhamento de processos de escolarização de outrem, como filhos, por exemplo, seis dos oito participantes informam ter filhos em processo de escolarização e todos afirmam acompanhar essas atividades frequentando as reuniões, lendo bilhetes, conversando com o professor etc.. *TF*, por exemplo, categorizada no nível de *analfabetismo*, diz incentivar os filhos que são adultos a fazerem cursos. Já *S*, que explicitou interesse em retornar à escola em breve, também diz ajudar e incentivar a filha que está na Educação Infantil. Tais discursos remetem ao que temos chamado de *capital axiológico*, à luz de Lahire (2008 [1995])<sup>7</sup>.

Em se tratando da esfera do lazer, os participantes informam não transitar por espaços como cinema e teatro. Exceção, *B* informa nunca ter ido ao teatro, mas ter curiosidade de fazê-lo. Ele vai ao cinema duas ou três vezes por mês e tem preferência, em tais situações, por filmes dublados. Em se tratando dessa questão, parece haver componentes identitários importantes, visto que *B* compreende tais *eventos* como legitimados socialmente; logo, tomar parte deles é inerente a um processo de busca de reconstrução identitária (HALL, 1996).

O contato com livros, por outro lado, é bastante presente entre os participantes. Esse contato, no entanto, não pressupõe leitura efetiva, o que remete à discussão proposta por Kalman (2003; 2004), a que já fizemos menção anteriormente. Nesse sentido, apenas um dos participantes informa não ter contato com tais materiais, os demais referem ter acesso nesses termos: *MJ* lia livros espíritas antes da adoção do filho; agora, infantis, em casa; *TF* tem contato com livros no local de trabalho, mas, para ele, *são só figuras*; *B* refere ter contato com livros “mais ou menos”, mas tem a coleção do *Harry Potter*, gosta de romances e frequenta o sebo e lojas de departamentos para comprar livros por um custo menor. Ele informa que, quando um filme é lançado, gosta de ler o livro antes; *MA* tem uma filha estudante desta Universidade, que leva livros para casa, informando, também, ler bastante, menciona o *best-seller* “A Cabana” como última leitura; *G* diz ler pouco, mas informa que a esposa lê bastante; *L* informa ler muitos livros, ser fascinada por livros espíritas e ter lido muitos livros para o curso de radiologia. *S* lê bastante também. A colega de trabalho *L* incentivou a leitura de livros espíritas.

A partir das informações levantadas neste estudo é possível inferir que as relações intersubjetivas (VIGOTSKI, 2000 [1978]) podem ter influência maior na constituição e ressignificação das *práticas de letramento* dos participantes deste estudo se comparadas a especificidades configuracionais do próprio ambiente de trabalho, ou seja, as relações interpessoais estabelecidas nesses espaços, entre colegas de trabalho, por exemplo, podem influenciar na ressignificação de *práticas de letramento*, ao passo que a inserção em espaços de valoração da escrita, os centros nos quais os participantes trabalham nessa Universidade, por si só, não o parece fazer.

A televisão ocupa lugar de destaque nas atividades mencionadas para as horas livres. Os oito participantes fazem remissão à televisão ocupando um grande período do tempo livre

---

<sup>7</sup> No que tange à esfera religiosa, elaboramos um conjunto de perguntas pressupondo a expansão de relações interpessoais nessa esfera, sobretudo nos entornos de vulnerabilidade social que tendem a constituir a inserção social de trabalhadores com a caracterização dos participantes deste estudo; nossa inferenciação, contudo, não se consubstanciou: o letramento religioso não parece relevante entre os participantes deste estudo. Dos oito funcionários entrevistados, três informam não terem nenhuma religião e, conseqüentemente, não frequentarem nenhuma Igreja. Cinco informam terem religião, mas não frequentarem a Igreja e nem realizarem leituras dessa natureza, como textos bíblicos, por exemplo.

com preferências por telejornal (para quatro participantes do estudo), novela (para três participantes do estudo), programas infantis (para dois participantes do estudo), programas de auditório (para um dos participantes do estudo), filmes (para um dos participantes do estudo) e futebol (para um dos participantes do estudo). Outras atividades realizadas nas horas vagas, porém, são elencadas, tais como passeio com os filhos em parques, cuidados com os filhos e brincadeiras com os filhos, baladas, leitura de livros e brincadeiras com animais de estimação; parecem prevalecer, aqui, atividades nas quais a escrita não ocupa papel efetivo nas relações intersubjetivas.

No que concerne à esfera doméstica, sete dentre os participantes deste estudo informam pagar as contas da casa. A ampla maioria refere efetuar tais pagamentos na Lotérica. Apenas um dos participantes, novamente *TF*, informa que a responsabilidade pelos pagamentos fica a cargo dos filhos, o que corrobora nossas considerações sobre sua dependência em relação aos familiares e a limitação de sua mobilidade social que têm origem, ao que tudo indica, nas dificuldades quanto ao uso da escrita.

Em se tratando do grupo em questão, o trânsito por agências bancárias ou cartórios é circunscrito ao recebimento do pagamento mensal pela atividade laboral que realizam. *MJ* diz utilizar os serviços bancários com essa finalidade, mas informa se dirigir ao caixa convencional, já que o caixa eletrônico é objeto de inquietação. *TF* informa não ir ao banco, sendo o filho o responsável pelo saque do salário desse participante de pesquisa no caixa eletrônico. Os demais profissionais realizam os saques no caixa eletrônico e dizem o fazer com facilidade.

As compras de supermercado e a escolha dos produtos são realizadas por todos os participantes da pesquisa, que o fazem sozinhos ou com ajuda de familiar. *TM* é o único participante que informa não protagonizar as compras da casa; tal realidade, porém, não parece ter relação com o uso da escrita, mas com o fato de ele morar com a mãe que se responsabiliza pelas compras da casa. Já *TF* diz realizar as compras sempre com um acompanhante, principalmente porque a escolha dos produtos se dá pelo preço, para o que conta com a ajuda desse acompanhante. Alguns produtos, como o sabão em pó que sempre usa, *TF* diz reconhecer pela embalagem. *B* diz realizar as compras com a mãe, ele informa que eles conferem os preços dos produtos nos folhetos dos estabelecimentos antes de comprar. As compras, assim, são feitas em vários lugares definidos a partir da pesquisa feita nos folhetos.

No que diz respeito ao hábito de anotar receitas de alimentos e recados, apenas um dos participantes informa habitualmente tomar parte nesse tipo de *evento de letramento*. *B* menciona copiar receitas e anotar recados ou deixar bilhetes. O participante de pesquisa diz anotar as receitas e ficar por perto na execução para auxiliar a mãe que tem problemas com leitura. Já os recados ou bilhetes, *B* costuma se valer deles, mas menciona que esses artefatos precisam ser escritos com *uma letra boa* porque a mãe *não entende muito bem*. Tais *eventos de letramento* não parecem fazer parte da rotina de outros participantes da pesquisa.

Com relação aos documentos da família, os participantes deste estudo parecem demonstrar um apreço significativo por esses materiais. Todos referem que tais materiais são guardados em pastas identificadas. *TF* diz entregá-los ao filho ou filha mais velhos para que eles guardem. *MA* informa que a filha mais velha é responsável por esses materiais. *S* refere ser a mãe quem os organiza em pastas com o nome em cima. Independentemente da responsabilização de um familiar, o arquivamento desses materiais escritos parecem receber atenção por parte desses participantes de pesquisa.

#### 4. Possíveis implicações decorrentes da inserção desses profissionais em espaços universitários: inserção?

Considerando o fato de trabalharem em um centro no qual a escrita e a leitura têm especificidades metacognitivas e valoração singular, questão que norteou nosso percurso analítico, as respostas dos participantes relacionam essa inserção com ensino – prevalência entre os participantes –, admiração, estímulo e utilidade. *B* relacionou a relevância da inserção no centro em que atua com satisfação de necessidades pessoais (encontrar lugar para morar, curso no mural etc.). *L*, por sua vez, alude à utilidade. Menciona o fato de ter ocupado bastante os livros da Biblioteca Universitária para um curso de radiologia que estava fazendo. *S*. refere que essa inserção serviu como estímulo para que resolvesse retomar os estudos.

Inferimos, a partir desses dados, que a atividade laboral realizada nesses espaços, com especificidades relativas à modalidade escrita da língua, parece influenciar menos do que a natureza das relações intersubjetivas (VIGOTSKI, 2000 [1978]) estabelecidas entre os integrantes desse grupo e os seus pares nesses espaços. Tais relações intersubjetivas entabuladas nesses centros tendem a dar-se estritamente entre os colegas da mesma empresa terceirizadora de serviços. Essa circunscrição das relações parece configurar uma naturalização da insularização das relações nesses centros. Os sujeitos, como mencionamos, só interagem entre eles, não interagindo com os demais membros da comunidade acadêmica, o que indica uma compreensão por parte deles de que não se constituem como interlocutores autorizados nesses espaços, exceto no âmbito do grupo com que se relacionam no cotidiano.

Outro aspecto interessante que emerge dessa realidade é o não compartilhamento, ou seja, o não estabelecimento de *pontes* com outros sujeitos inseridos no mesmo centro, de outros grupos sociais. Entendemos que Wenger (1998), quando discute o conceito de *comunidades de prática*, em alguma medida, toca nessa questão. Para ele, estamos sempre engajados em diferentes tipos de atividades, nas quais interagimos com os outros e com o mundo. É a partir dessas interações que se dão as apropriações que, por sua vez, resultam em práticas. Essas práticas que se originam das interações estão relacionadas a fazeres, mas não só. Elas carregam implicações sociais e históricas; logo, são sempre práticas sociais. São essas práticas coletivas que formam, então, as *comunidades de prática*.

Esse conceito inclui *o que é dito* e *o que não é dito*, *o que é representado* e *o que é assumido* pelos grupos de pessoas. Dessa forma, além de documentos, símbolos, papéis conflitivos e definidos, linguagem etc., estão relacionados ao conceito implícitos, pistas sutis, visões de mundo compartilhadas etc.. Assim, tal conceito trata do componente social e negociado do que é explícito e do que é implícito nas vivências dos membros das diferentes comunidades (WENGER, 1998). Dessa forma, é possível afirmar que a insularização das relações dessas pessoas, bem como o não estabelecimento de pontes entre tais sujeitos e o restante da comunidade acadêmica se dá pela não formação de uma *comunidade de prática* nesses centros no que respeita a todos os usuários da língua que fazem parte do cotidiano desses espaços: as *comunidades de prática* se formam, ali, de modo insularizado dentro de um mesmo espaço físico, reunindo *membros autorizados*, o que tem implicações identitárias que fogem ao escopo desta discussão.

## Algumas considerações

O percurso analítico desse estudo constitui-se numa tentativa de compreender a relação entre as apropriações e usos sociais da escrita evidenciados por funcionários prestadores de serviços básicos e o fato de estarem inseridos em espaços universitários com especificidades singulares em se tratando da modalidade escrita da língua. O interesse em compreender tal questão originou três enfoques que correspondem a questões de pesquisa, que retomamos aqui: (1) Quais os níveis de alfabetismo desses trabalhadores?; (2) Que particularidades das *práticas de letramento* são depreensíveis a partir dos *eventos de letramento* informados e descritos por tais profissionais?; e, (3) Quais as implicações da inserção nesses espaços de expressiva valoração da escrita para esses trabalhadores?.

No processo de análise que procurou responder a essa primeira pergunta - *Quais os níveis de alfabetismo desses trabalhadores?* – não observamos, nos dados, o estabelecimento de relação direta entre escolarização e os níveis de alfabetismo depreendidos. Nesse sentido, parece influenciar diretamente os níveis de alfabetismo um conjunto de fatores (D'ANGELO SERRA, 2004), dentre eles o mais expressivo em nossa compreensão é a natureza das relações intersubjetivas (VIGOTSKI, 2000 [1978]). Ainda no percurso analítico correspondente a essa questão especificamente, interessou observar que muitos dos sujeitos participantes não tinham baixos níveis de escolaridade como seria possível inferir considerando esse tipo de atividade laboral. Essa constatação corrobora postulados de Graff (1994), Britto (2003; 2004) e Vóvio (2010) que propõem uma desconstrução da relação direta entre escolarização e empregabilidade.

À luz dessa primeira pergunta, por fim, foi possível conceber, entre os participantes desta pesquisa, a existência de *entrelugares* nos níveis de alfabetismo. É possível, nesse ponto, que nossas questões não tenham convergido suficientemente com as proposições habituais do indicador em questão, já que empreendemos, como anunciado anteriormente, uma tentativa de replicação de abordagens feitas pelo Inaf. O que moveu nossa pesquisa, no entanto, foi o interesse em compreender os níveis de alfabetismo desses sujeitos, por meio de uma interlocução efetiva com eles, tendo por base a mencionada revista.

Considerando a segunda questão de pesquisa - *Quais práticas de letramento são passíveis de depreensão a partir dos eventos de letramento mencionados por tais profissionais?* –, observamos que a presença da leitura, entre esses participantes de pesquisa, de jornais, revistas, livros tem implicações estreitas com a questão da *disponibilidade de e do acesso a* (KALMAN, 2003; 2004). Esse acesso efetivo, por sua vez, tem relação com a existência ou não de *práticas de letramento* que ancoram a participação em determinados *eventos de letramento* (STREET, 1988; 2003). A construção dessas práticas, por outro lado, tem implicações com as especificidades e a configuração das relações intersubjetivas (VIGOTSKI, 2000 [1978]) estabelecidas nas diferentes esferas da atividade humana, no convívio com interlocutores mais experientes na participação de determinados *eventos*.

Tendo em vista a terceira e última questão de pesquisa – *Quais as implicações da inserção nesses espaços de tratamentos muito específicos dados à escrita para esses trabalhadores?* –, entendemos que a inserção decorrente da realização de atividade laboral levada a termo nesses espaços parece influenciar menos esses funcionários do que as relações intersubjetivas estabelecidas no interior de seu próprio grupo. Tais relações nesse contexto ganham contornos expressivos de insularização pela formação de *comunidades de prática* (WENGER, 1998) isoladas entre si no interior de um mesmo espaço físico.

Esperamos, com esse estudo, ter contribuído para o início de um movimento de olhar para dentro da academia e observar a realidade desses sujeitos, que transitam nesses espaços, no que compete aos usos da escrita e às relações que (não) são estabelecidas ali. Haddad (2011, p. 10) entende que tal movimento já ocorreu nas universidades quando afirma que “Instadas a olhar para dentro de si, as universidades se deram conta do elevado número de jovens e adultos que não haviam completado sua escolaridade básica entre os trabalhadores dos *campi*”. Em nosso entendimento, não temos honrado com nosso compromisso político, principalmente considerando nossa inscrição na Linguística Aplicada, de construir inteligibilidades que favoreçam o delineamento de ações acerca dos estratos sociais fragilizados, os quais, em nossa concepção, demandam das universidades públicas comprometimento redobrado.

**ABSTRACT:** This study aimed to deduce and analyze the levels of alphabetization and conceptions about the uses of written of eight professionals of the company that works for the Federal University of Santa Catarina (UFSC). The bases that guided the study are: Street (1984, 1988, 2000, 2003); Hamilton (2000); Barton (1994) and Barton, Hamilton e Ivanic (2000). The study was operationalized through interviews and reading instrument based on studies of Inaf (2009). The results show insularities in these spaces, suggesting the coexistence of different *communities of practice* and raising fruitful discussions on empowerment and citizenship at the university sphere.

**Keywords:** alphabetization; literacy; written culture.

## REFERÊNCIAS

BARTON, David. **Literacy: an introduction to the ecology of written language.** Oxford: Blackweell, 2010 [1994].

BARTON, D; HAMILTON, M. **Local literacies.** London: Routledge, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

D'ANGELO SERRA, Elizabeth. Políticas de promoção de leitura. In: RIBEIRO, Vera Masagão. **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2004 [2003]. p. 65-88.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os sentidos? In: **Educação e Sociedade.** Campinas, v.23, n. 81, p. 15-19, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto.** São Paulo: Cortez, 2007.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GRAFF, Harvey J. **Os labirintos da alfabetização: reflexão sobre o passado e o presente da alfabetização.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HADDAD, Sérgio. Prefácio. In: SOARES, Leôncio (Org.). **Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 07-13.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 24, 1996, p. 68-75.

HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Org.) **Situated literacies**. London: Routledge, 2000.

HEATH, Shirley Brice. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. In: DURANTI, A. (Org.) **Linguistic Anthropology: a reader**. Oxford: Blackwell, 2001 [1982], p. 318-342.

IPM – Instituto Paulo Montenegro & Ação Educativa. **9º Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional: avaliação de Leitura**. São Paulo: IPM / Ação Educativa, 2009.

KALMAN, Judith. El acceso a la cultura escrita: la participación social y la apropiación de conocimientos em eventos cotidianos de lectura y escritura. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, enero-abril, Vol. VIII, n. 17. Consejo Mexicano de Investigación Educativa. México, 2003, p. 37-66.

\_\_\_\_\_. **Sabero lo que es la letra: una experiencia de lecto-escritura com mujeres de Mizquic**. México: UNESCO; Siglo XXI, 2004.

KLEIMAN, Angela B. (Org.) Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: \_\_\_\_\_. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática da escrita**. Campinas, SP: Mercado dos Letras, 2001 [1995], p.15-64.

KLEIMAN, Angela B. O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização. **Projeto Temático Letramento do Professor**, 2007.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 2008 [1995].

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; LUCIO, Iara Silva. O analfabeto e o alfabetizado: a leitura e a escrita como atividades socialmente situadas. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MASON, Jennifer. **Qualitative researching**. London: SAGE Publications, 1996.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**. São Paulo: Parábola, 2003.

RIBEIRO, Vera Massagão. **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. 2 ed. São Paulo: Global, 2004.



SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão. **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004 [2003]. p. 89-114.

STREET, Brian. Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento. Apresentado durante a **Teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade'**, outubro de 2003.

\_\_\_\_\_. Literacy practices and literacy myths. In: SALJO, R. (Org.) **The written world: studies in literacy thought and action**. Nova Iorque: Springer-Verlag, 1988.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006 [1995].

\_\_\_\_\_. **Adultos não-alfabetizados em uma sociedade letrada**. São Paulo: Cortez, 2006b.

TINOCO, Glícia Azevedo. Mundos de letramento de professores em formação no agreste norte-rio-grandense. In: OLIVEIRA, Maria do Socorro; KLEIMAN, Angela. **Letramentos múltiplos**. Natal/RN: UDUFRN, 2008, p. 63-89.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1984].

VÓVIO, Cláudia Lemos. Outras perspectivas sobre a alfabetização de pessoas de jovens e adultos. In: SERRANI, Silvana (org.). **Letramento, discurso e trabalho docente**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2010, p. 100-115.

WENGER, Etienne. **Communities of practice**. New York: Cambridge University Press, 2006 [1998].

Data de envio: 27/04/2012

Data de aprovação: 07/12/2012

Data de publicação: 06/02/2013